

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS PRÁTICAS DE LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

Letícia Damas Leão Dalcin<sup>1</sup>  
Inodi Dias dos Passos Barbosa<sup>2</sup>  
Luciene Ferreira dos Santos<sup>3</sup>  
Keila Batista de Oliveira<sup>4</sup>  
Anália Carolina Santos Duarte<sup>5</sup>  
Luciana Divina da Silva<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este trabalho tem como principal objetivo demonstrar a importância da alfabetização e do letramento para um completo desenvolvimento da escrita e da leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tem como finalidade também, detalhar com clareza pontos relevantes do conceito e da prática de alfabetização e de letramento, expondo a enorme necessidade de se entender o atual significado desses dois processos, bem como identificar as diferenças entre eles, e a ampla contribuição de um para com o outro. Verificando e relatando por meio de reflexões desafiadoras os principais benefícios que a alfabetização e o letramento podem proporcionar mediante o desenvolvimento do discente, promovendo a interação com as várias áreas do conhecimento de forma prazerosa e integrada. Por meio de uma abordagem qualitativa, nossa fundamentação teórica se baseia nos estudos realizados por Cagliari (1999), Ferreira (1999, 2011), Gadotti (2005), Kleiman (2001), Soares (2004), entre outros que contribuíram sobre a temática abordada. Concluímos que alfabetizar letrando auxilia no desenvolvimento de comportamentos, habilidades e conhecimentos do discente, com o intuito de que ele consiga associar o aprendizado da língua escrita com as práticas sociais, fortalecendo a leitura de mundo.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Habilidades.

### THE LITERACY PROCESS AND LITERACY PRACTICES IN THE EARLY YEARS

**ABSTRACT:** This work's main objective is to demonstrate the importance of literacy for the complete development of writing and reading in the Early Years of Elementary School. It also aims to clearly detail relevant points of the concept and practice of literacy and literacy, exposing the enormous need to understand the current meaning of these two processes, as well as identifying the differences between them, and the broad contribution of one to the other. Verifying and reporting through challenging reflections the main benefits that literacy can provide through student development, promoting interaction with the various areas of knowledge in a pleasant and integrated way. Through a qualitative approach, our theoretical foundation is based on studies carried out by Cagliari (1999), Ferreira (1999,

---

<sup>1</sup>Mestra em Imunologia e Parasitologia Básicas e Aplicadas pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Especialista em Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica pela PUC/GO. Graduada em Música com habilitação em Educação Musical e em Farmácia-bioquímica pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. E-mail: leticiadamas@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Educação Básica pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso - UNEMAT, E-mail: inodipassinhos@hotmail.com.

<sup>3</sup> Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização pela Faculdade Afirmativo. Graduada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR E-mail: lucieneferreira\_gui@hotmail.com.

<sup>4</sup> Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR - Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário UniCathedral. E-mail: keilabatistadeoliveira2019@gmail.com.

<sup>5</sup> Pós-graduada em Educação Infantil e Alfabetização pelo Institucional MT - IMP. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: carolina.duarte87@hotmail.com.

<sup>6</sup> Pós-graduada em Educação Infantil, Alfabetização pela Faculdade Afirmativo. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: lucianadiva138@gmail.com.

2011), Gadotti (2005), Kleiman (2001), Soares (2004), among others who contributed to the topic. addressed. We conclude that literacy training helps in the development of student behaviors, skills and knowledge, with the aim of enabling them to associate the learning of written language with social practices, strengthening their reading of the world.

**Keywords:** Literacy. Literacy. Skills.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação exige que os educadores sejam multifuncionais, não apenas transmissores de conhecimento, mas psicólogos, pedagogos, sociólogos, entre outros, para desenvolverem habilidades e confiança necessárias aos educandos, contribuindo para que tenham sucesso na aprendizagem e na vida. E é por meio da alfabetização e do letramento que os alunos dos anos iniciais aprendem a codificar e a decodificar, relacionando as palavras com tudo que existe a sua volta.

A alfabetização está inteiramente ligada ao aprendizado tradicional da leitura e da escrita, dentro dos padrões alfabéticos e ortográficos. Método que sozinho não contribui de maneira mais ampla para a inserção social do indivíduo. Saber ler e escrever é muito importante, porém, desenvolver o poder de se relacionar, comunicar, entender o que as diversas situações exigem e saber conduzir de forma construtiva os vários desafios sociais, é parte essencial na transformação social do indivíduo.

Ensinar a ler e a escrever pode ser um desafio, especialmente quando se trabalha com crianças de diferentes origens e níveis de habilidade. É importante que os professores recebam apoio e recursos para enfrentar esses desafios e que trabalhem em conjunto com os pais e com a comunidade para garantir que todas as crianças tenham a oportunidade de desenvolver essas habilidades essenciais.

Nesse sentido, o surgimento do letramento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, da linguagem escrita, tradicionalmente pelo processo de alfabetização. Pois é através desse processo de ensino que os discentes desenvolverão habilidades inerentes à gestão social, ou seja, requisitos essenciais para o convívio em sociedade.

Portanto, o resultado de usar habilidades adquiridas com o uso da língua escrita em práticas sociais é a transformação social do indivíduo, sendo inserido em um mundo de desafios e descobertas constantes. Uma vez que, nesse conceito, está a ideia de que o domínio e o uso da língua escrita trazem mudanças sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, para o próprio indivíduo e, conseqüentemente, para o grupo social em que está inserido.

Essa pesquisa é de extrema importância, uma vez que contribui de forma relevante para o entendimento das diferenças entre os processos de alfabetização e de letramento, bem como para a compreensão de que o desenvolvimento de apenas um desses processos não é suficiente para formar um indivíduo socialmente, somente a junção dos dois construirá uma visão mais ampla do discente proporcionando diferentes e novos conhecimentos.

## 2 METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho foi baseada em uma pesquisa bibliográfica por meio de uma abordagem qualitativa. Essa abordagem é relevante, tendo em vista que “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122). Dessa forma, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, as discussões serão apresentadas ao longo do texto como citações e/ou estudos de autores que defendem a utilização da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem.

O presente estudo baseou-se em autores conceituados, ancorado nos estudos realizados por Cagliari (1999), Ferreira (1999, 2011), Gadotti (2005), Kleiman (2001), Soares (2004), entre outros que contribuíram sobre a temática abordada.

## 3 REFLEXÕES ACERCA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

Quando pensamos nos primeiros anos de escola, é difícil não lembrar da importância de aprender a ler e a escrever. Essas habilidades não são apenas sobre juntar letras e formar palavras, mas também, sobre como elas nos ajudam a entender o mundo ao nosso redor, a nos expressar e nos conectar com os outros. Nos anos iniciais da educação, o processo de alfabetização e as práticas de letramento desempenham um papel crucial no desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas das crianças. A alfabetização (entendida como o processo de aprendizagem da leitura e da escrita) e o letramento (que envolve o uso social e cultural da linguagem escrita) são conceitos inter-relacionados que contribuem para a formação de indivíduos críticos e participativos na sociedade contemporânea.

A alfabetização e o letramento constituem a base para a aprendizagem contínua ao longo da vida das crianças. Nos anos iniciais, é fundamental fornecer uma base sólida de habilidades de leitura e de escrita, para compreender o mundo ao seu redor. Importante dizer que o letramento vai além da simples decodificação, envolvendo o uso social da leitura e da escrita no dia a dia. São essenciais a interpretação e a produção de textos, além de estimular o gosto pela leitura e pela escrita.

O letramento é sobre como usamos a escrita em nossas vidas diárias. Antes mesmo de entrar na escola, as crianças estão aprendendo sobre a escrita através de histórias, conversas e até mesmo brincadeiras. É importante valorizar essas experiências e ajudá-las a entender como a escrita é útil em diferentes situações. Ler não é apenas decifrar palavras; é entender o que essas palavras significam e como elas se encaixam em um contexto maior. Para ajudar as crianças a se tornarem leitores mais habilidosos, é importante praticar a leitura em voz alta, discutir o que foi lido e até mesmo escrever sobre isso.

Para se escrever um texto é preciso mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos e planejar a produção textual. Importante dizer que a escrita também desempenha um papel relevante na consolidação do aprendizado escolar. Quando as crianças desenvolvem a escrita, elas reforçam conceitos, adquirem mais informações, o que amplia a capacidade de expressar suas ideias de forma esclarecida e mais precisa, contribuindo para o fortalecimento de autonomia no processo de aprendizagem.

Ao ler, o educando desenvolve o comportamento de observar o modo como o texto se estrutura e quais recursos podem ser utilizados na produção textual. O ato de planejar atividades de leitura para oportunizar o acesso à escrita é uma maneira significativa de ampliar a capacidade dos discentes de construir ferramentas textuais e linguísticas no desenvolvimento da construção textual.

[...] a aprendizagem da leitura-e-escrita é muito mais do que aprender a conduzir-se de modo apropriado com este tipo de objeto cultural (inclusive, quando se define culturalmente o termo “apropriado”, ou seja, quando o relativizamos). É muito mais do que isto, exatamente porque envolve a construção de um novo objeto de conhecimento que, como tal, não pode ser diretamente observado de fora. (FERREIRO, 2011, p.65).

É preciso que o professor planeje e articule situações de ensino e de aprendizagem a partir da interação entre leitura e escrita. Para que essa interação aconteça de maneira a garantir a compreensão e utilização das mesmas nas práticas, deve-se garantir o acesso a uma grande diversidade de gêneros textuais. A palavra gramática refere-se ao conjunto de regras de uma língua, a qual somente será assimilada se o docente a desenvolver constantemente em suas práticas escolares.

A relação entre a fala e a escrita não são correspondentes. Portanto, por essa razão se considera que a apropriação do sistema alfabético ortográfico é um processo de resoluções de problemas no qual a criança vai produzindo hipóteses e internalizando a compreensão alfabética e as conversões sociais das normas ortográficas. Aliado a isso, é necessária a compreensão de que o trabalho pedagógico com as conversões ortográficas deve ser sistemático, contextualizado e significativo. Uma forma para que isso aconteça é usar amplamente os dicionários ortográficos como fonte de pesquisa permanente e eficiente no momento de produções escritas. Ferreiro (1999, p. 23) diz:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Estas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita.

A autora ressalta que mesmo em produções acadêmicas, os conceitos de letramento e de alfabetização se confundem. Entretanto, não nega a importância da relação que uma deve ter com a outra, concorda que ambas devem estar sempre em interação, no entanto, suas diferenças conceituais devem ser preservadas e a atenção somente direcionada ao letramento pode acabar apagando a real concepção de alfabetização, o que Ferreiro (1999) chama de "o desfazer da alfabetização", ou seja, falta de especificidade do processo de alfabetização, que é, também, um dos motivos geradores do fracasso escolar. Ascende-se o letramento e a alfabetização torna-se camuflada.

Durante muito tempo, era considerado analfabeto o indivíduo incapaz de escrever seu próprio nome. De um tempo para cá, o que define este indivíduo como analfabeto ou alfabetizado é o saber escrever um bilhete simples ou um recado, que são ações da escrita que fazem ser uma prática social.

Assim como alfabetização, a palavra letramento tem sua variedade de interpretação. Conforme Soares (2004):

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES 2004, p.96).

Dessa forma, os educadores têm a possibilidade de estimular nos educandos o desejo de aprender a ler e a escrever revelando-lhes a importância destes recursos para um melhor entendimento do meio social, cultural e político.

Ferreiro (2011, p. 23) explica as hipóteses elaboradas pelo aprendiz quando demonstra essa variação de letras em seus escritos:

[...] as crianças dedicam um grande esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as escritas e é isso que caracteriza o período seguinte. Esses critérios de diferenciação são, inicialmente, intrafigurais e consistem no estabelecimento das propriedades que um texto escrito deve possuir para poder ser interpretável (ou seja, para que seja possível atribuir-lhe uma significação). Esses critérios intrafigurais se expressam, sobre o eixo quantitativo, como a quantidade mínima de letras – geralmente três – que uma escrita deve ter para que “diga algo” e, sobre o eixo qualitativo, como a variação interna necessária para que uma série de grafias possa ser interpretada (se o escrito tem “o tempo todo a mesma letra”, não se pode ler, ou seja, não é interpretável).

Nesse sentido, a utilização desses saberes é condição necessária para a mudança, do ponto de vista tanto do indivíduo quanto do grupo social, de apropriação a seu estado ou condição nos aspectos cultural, social, político, linguístico e psíquico.

Na concepção atual, a alfabetização não precede o letramento, os dois processos podem ser vistos como simultâneos, entendendo que no conceito de alfabetização estaria compreendido o de letramento e vice-versa.

Isto será possível se a alfabetização for entendida além da aprendizagem grafo fônica e que em letramento inclui-se a aprendizagem do sistema de escrita. A conveniência da existência dos dois termos, que embora designem processos interdependentes, indissociáveis e simultâneos, são processos de natureza diferente, uma vez que envolve habilidades e competências específicas, implicando, com isso, formas diferenciadas de aprendizagem e em consequência, métodos e procedimentos diferenciados de ensino. De acordo com Ferreiro (1999):

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 1999, p.23).

Sendo assim, a participação das crianças em experiências variadas com leitura e escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material, a habilidade de codificação e decodificação da língua escrita, o conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da fala sonora para a forma gráfica da escrita implicam numa importante revisão dos procedimentos e métodos para o ensino, uma vez que cada fase desse processo exige procedimentos e métodos diferenciados, pois cada criança e cada grupo de crianças necessitam. É uma reflexão sobre alfabetização e letramento, sobre métodos e procedimentos, sobre iniciativas inovadoras como instituições que fazem a diferença quando se dedicam de verdade em algum empreendimento mostrando teorias pedagógicas existentes e o envolvimento com a aprendizagem dos docentes.

Dessa forma, buscamos na literatura existente a base teórica que é um desafio conhecido: permitir que cada brasileiro tenha o direito de ler uma bula de remédio, uma lista de compras, uma placa na rua ou uma carta de alguém querido. Mais do que reforçar teorias, este projeto tem o intuito de provocar a reflexão sobre estas pessoas que precisam fazer uma leitura de mundo e também devem dominar as ferramentas para escrever sua própria história, para se expressarem e serem ouvidas.

Como vivemos numa sociedade grafocêntrica, muitas pessoas, mesmo sendo analfabetas, se envolvem em práticas sociais de leitura e de escrita, seja quando solicitam que alguém leia para elas o nome de uma rua, a bula de um remédio, uma receita culinária etc. Podemos dizer que essas pessoas, mesmo analfabetas, já apresentam graus de letramento, pois de uma forma ou de outra já fazem uso da leitura e da escrita em seu cotidiano. Portanto, a noção de letramento surge devido à necessidade de se explicar algo que vai além da alfabetização, ou seja, do domínio da tecnologia da leitura e da escrita.

As pesquisas sobre letramento no Brasil, embora ainda incipientes, se tornam cada vez mais uma vertente teórica de grande interesse para os pesquisadores que buscam ampliar os estudos sobre alfabetização.

Segundo Kleiman (2001, p.16),

[...] o conceito de letramento que começou a ser pesquisado nos meios acadêmicos para distanciar os estudos sobre o impacto social da escrita em relação ao processo de alfabetização, aos poucos foi se ampliando para “descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como eram, e quais os efeitos, das práticas de letramento em grupos minoritários.

O desenvolvimento da leitura, do letramento e da escrita consiste em processos distintos, que envolvem diferentes habilidades e conhecimentos, principalmente, diferentes processos de ensino-aprendizagem, o que corresponde a uma complexidade de possíveis definições de letramento e suas dimensões individual e social e em suas relações com a alfabetização o que envolve o processo de ensino, os métodos e a formação do educador no desenvolvimento da educação escolar. O desenvolvimento da alfabetização e do letramento diz respeito basicamente ao método de ensino adotado pelo educador, porém, esse, por si só não garante a aquisição das habilidades na aprendizagem escolar.

De acordo com os conceitos de Cagliari (1999, p. 82): “A alfabetização gira em torno de três aspectos importantes da linguagem: a fala, a escrita e a leitura. Analisando estes três aspectos, tem-se uma compreensão melhor de como são as cartilhas ou qualquer outro método de alfabetização”.

Assim, considerando a interdependência entre alfabetização e letramento, alguns autores contestam a distinção entre ambos os conceitos, defendendo um único e indissociável processo de aprendizagem que abarca a compreensão do sistema e suas possibilidades de uso. Em uma concepção progressista de alfabetização, nascida em contraposição às práticas tradicionais, o processo de alfabetização incorpora a experiência do letramento e este não passa de uma redundância em função de como o ensino da língua escrita já é concebido.

Alinhando-se a essa concepção, Gadotti (2005:49) afirma: “[...] a alfabetização não pode ser reduzida a uma técnica de leitura e escrita. Ser uma pessoa letrada não significa ser alfabetizada, no sentido que Paulo Freire dava ao termo”, visto que este atribuía à alfabetização a capacidade de o indivíduo organizar criticamente o seu pensamento, desenvolver consciência crítica e introduzir-se num processo real de democratização da cultura e de libertação.

Entendemos letramento como um processo contínuo de inserção do sujeito no mundo letrado, isso significa compreender que, independentemente do domínio do código linguístico, todos os sujeitos, em diferentes níveis, constroem suas próprias estratégias de inserção nas práticas sociais, logo, criam seus próprios meios de interpretar os eventos de letramento mediados pela escrita. Partindo do pressuposto de que a aprendizagem é um processo contínuo e da crença de que todos os alunos podem aprender, os professores têm se colocado o desafio de olhar para o que cada aluno sabe e o que precisa aprender para dar continuidade ao processo de alfabetização e letramento.

Ferreiro (2011) a partir de seus estudos sobre as concepções das crianças a respeito do sistema de escrita.

Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas. Aí, podem ser distinguidos três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões: • distinção entre o modo de representação icônico e o não icônico; • a construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo); • a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 2011, p.21-22).

Volta-se, mais uma vez, no seio de uma das discussões em torno da alfabetização em que a questão dos métodos não passa ao largo das asserções e orientações previstas para esse nível de escolaridade. Entretanto, sabe-se que os métodos, caminhos a serem percorridos para culminar na aprendizagem da língua materna na escola, estão alicerçados em toda uma concepção de homem, de sociedade e de língua, presentes não apenas nas esferas sociais institucionalizadas de currículos, mas, particularmente, nas práticas desenvolvidas pelos professores. Desse modo, entende-se como necessário revisitar alguns conceitos básicos, os quais fundamentam as práticas escolares no desenvolvimento da alfabetização escolar. Os docentes precisam ter o objetivo de apreender e redimensionar certos aspectos essenciais para o entendimento da alfabetização, refletindo, ao mesmo tempo, sobre a necessidade posta no atual contexto, do letramento e do alfabetizar letrando, e, assim, tecer suas considerações.

Os estudos e as evidências trazidos sobre letramento, ao longo de, pelo menos, os últimos anos, caminham na direção de afirmar que tanto alfabetização como letramento podem ser traduzidos como partes indissolúveis de um mesmo processo, cada qual com suas especificidades. Um ponto básico para fazer essa discussão é compreender que, atualmente, o ensino da alfabetização teria de dar conta das relações fundamentais entre sons e letras, segundo a categorização funcional, gráfica e convencional do sistema alfabético, e desenvolver a consciência fonológica do aluno.

Ao mesmo tempo, essas práticas seriam desenvolvidas em contextos reais de escrita e de leitura. Esses contextos seriam aqueles em que a utilização da escrita e da leitura, cotidiana ou não, expressassem as práticas sociais, situações reais de uso da língua escrita, como bilhetes, *outdoors*, embalagens de produtos, jornais, revistas, placas informativas, diretivas etc., embora sejam suportes de escrita são, comumente, tomados como contextos, e esse contexto é que tem sido considerado como o produto de toda uma situação linguística, ainda que numa perspectiva de interação. Seguindo nessa mesma linha de entendimento, Ferreiro (2011) afirma que:

No primeiro período se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subseqüentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as não figurativas, por um lado, e a constituição da escrita como objeto substituto, por outros. A distinção entre “desenhar” e

“escrever” é de fundamental importância (quaisquer que sejam os vocábulos com que se designam especificamente essas ações). Ao desenhar se está no domínio do icônico; as formas dos grafismos importam porque reproduzem a forma dos objetos. Ao escrever se está fora do 80 icônico: as formas dos grafismos não reproduzem a forma dos objetos, nem sua ordenação espacial reproduz o contorno dos mesmos. (FERREIRO, 2011, p.22).

O sábio progride à medida que compara o que já fez com uma nova descoberta. A criança procede da mesma maneira. Por essa razão, é importante que as descobertas parciais já feitas sejam explicitadas, registradas para que possam ir se constituindo em elementos com os quais as pessoas vão construindo o seu conhecimento a respeito do objeto que investigam e estudam.

O termo letramento surgiu quando se tornou mais evidente o problema do "analfabetismo". A falta de conhecimento sobre leitura e escrita intensificou uma preocupação maior para que se gerassem questionamentos para discutir a problemática. Logo em seguida, perceberam que não bastaria apenas ler e escrever, mas usar esses conhecimentos adequadamente de maneira interpretativa.

Atualmente, entende-se o letramento e a alfabetização como processos distintos, porém, simultâneos e de certa forma "inseparáveis", já que remete ao outro. Ao se fazer uma profunda reflexão, descobrimos que o letramento nada mais é do que um processo de continuação da alfabetização. O mais certo é que o(a) educador(a) alfabetize letrando.

É de grande importância que o docente possua consciência de que a escola não forma leitores sozinha, mas sabemos que a instituição é fundamental para ajudar nessa formação - até porque é um ambiente propício. Ferreiro (1999, p.47) afirma que “[...] a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária”.

A tarefa de alfabetizar na perspectiva do letramento é colocar em prática, no cotidiano, a vivência com as crianças nas práticas de leitura e de escrita e instrumentalizá-las, dando, assim, subsídios a elas para que estejam preparadas para usar os vários tipos de linguagem em qualquer tipo de situação.

É essencial que o(a) docente(a) amplie sua visão sobre a alfabetização e o letramento. É importante inserir os alunos no mundo da escrita, visitando a biblioteca, dramatizando histórias, porém, deve-se também inserir os(as) docentes nas artes em geral - dança, pintura, música, desenhos, revistas etc.

É de extrema relevância uma reflexão no campo educacional, principalmente no que se diz respeito ao ensino da leitura e da escrita para que se possa finalmente formar melhores leitores e escritores, letrados e alfabetizados. Esse é o maior desafio que tem o docente.

Um dos aspectos mais difíceis da arte de se alfabetizar alguém - seja criança, jovem ou adulto - é colocar em prática todos os subsídios teóricos que se estuda; recorrer aos teóricos para fundamentar e justificar o que se faz e como é desenvolvido em sala de aula.

Através de muitas leituras e de uma reflexão mais profunda, consegue-se identificar os prós e os contras de cada teoria, decidindo, assim, qual delas se adequa melhor à realidade da escola.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que os grandes objetivos da educação no momento são ensinar a aprender, a fazer, a ser, e a conviver em socialização entre os educandos e os educadores, desenvolver o senso crítico e transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento, ou seja, o discente precisa saber ouvir, falar, ler e escrever para usar em situação de participação social.

É importante reiterar que a abordagem aqui desenvolvida vem focalizando os processos de alfabetização e de letramento como objeto de reflexão e, especialmente, como meta de ações e intervenções pedagógicas. Embora a ênfase desta proposta se volte para esses focos, não se pode perder de vista a amplitude que a avaliação formativa deve assumir na escolarização inicial, abrangendo todas as áreas de conteúdos curriculares.

Também faz necessário enfatizar a importância da identificação das dificuldades e desconhecimentos dos alunos ao longo de seu processo de alfabetização, na perspectiva de um tempo global de três anos iniciais do Ensino Fundamental. A ampliação do tempo escolar destinado à alfabetização, seja ele traduzido em um ciclo ou em um segmento composto por séries, não pode deixar invisível o tempo das aprendizagens dos alunos.

A contribuição do discente para melhorar a qualidade de ensino é de grande relevância, uma vez que, quando o ensino não motiva o discente, esse fica totalmente desinteressado, passando a não se desenvolver como deveria. O âmbito escolar precisa ser acolhedor e seguro, proporcionando conhecimento e amor. O sistema educacional precisa ser melhorado cada vez mais, uma maneira do docente colaborar com esse aperfeiçoamento é a busca pelo aprimoramento de seu conhecimento e de habilidades, desenvolvendo suas atividades com mais qualidade, especialmente nas primeiras séries, trabalhando e refletindo de maneira satisfatória a alfabetização e o letramento.

A alfabetização e o letramento constituem a base sólida para a aprendizagem contínua ao longo da vida das crianças. Por isso, nos anos iniciais da educação, é primordial que se ofereça uma base sólida de habilidades de leitura e escrita, formando dessa maneira, habilidades de estrutura cognitiva, importante para que as crianças possam explorar e compreender o mundo social que as cerca.

Assim, o processo de alfabetização e de letramento envolve desafios que, quando superados, se torna significativo na autoconfiança dos alunos. Pois, ao sentirem-se seguros de acompanhar as lições e de interagir com o conteúdo em sala de aula, eles tornam-se mais empenhados e interessados no processo de ensino, possibilitando, assim, que se sintam valorizados como seres únicos e encorajados, capazes de contribuir de forma significativa com o meio social.

## 5 REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo. Scipione, 1999.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999. v. 2.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir. **O uso do termo letramento como alfabetização é uma forma de se contrapor ideologicamente á tradição freireana**. REVISTA PÁTIO. Porto Alegre, ano IV, n. 34, mai./jul. 2005.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho?** In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) A formação do Professor. Perspectivas da Lingüística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: Caminhos e Descaminhos**. Revista Pátio. Ano VIII, n. 29, fev./abr. 2004.